

# FEMINISMOS EM TRÂNSITO

FEMINISMOS EN TRÁNSITO

FEMINISMS IN TRANSIT

Ana Lúcia Panachão  
Sedes Sapientiae  
ORCID:0009000891067986  
Correio eletrônico: apanachao@uol.com.b

Data de Recebimento: 31-05-2024  
Data de Aceitação: 08-06-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Panachão A. L. (2024) FEMINISMOS EM TRÂNSITO  
Intercambio Psicoanalítico 15 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.1.14/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# FEMINISMOS EM TRÂNSITO

Resenha realizada por  
Ana Lúcia Panachão<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora do curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea. Integrante da Comissão de Reparação e Ações Afirmativas do mesmo departamento. São Paulo.

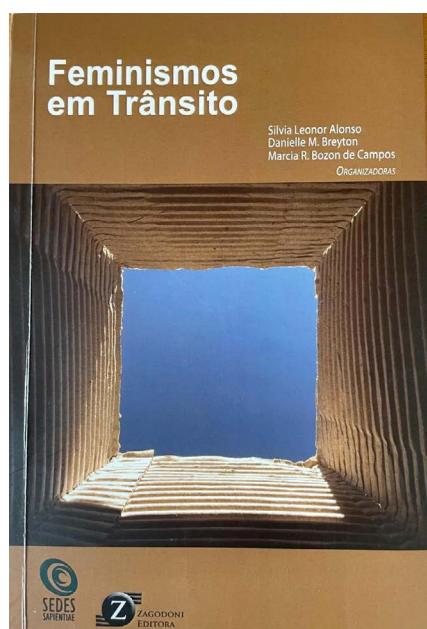
Autoras: Silvia Leonor Alonso, Danielle M. Breyton, Marcia R. Bozon de Campos (Organizadoras)

Ano: 2022 – 134 páginas  
Zagodoni Editora / SEDES SAPAIENTIAE

*Feminismos em trânsito* é a quarta publicação com a qual nos brindou o grupo de trabalho e pesquisa “O Feminino e o Imaginário Cultural Contemporâneo”, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. O lançamento do livro se deu sob os auspícios de uma transição muito aguardada: pela primeira vez, depois de um longo confinamento ocorrido em função da pandemia, nos encontramos presencialmente para celebrar a mais recente produção do grupo. Desde sua fundação em 1997, o grupo coordenado por Silvia Alonso trabalha sobre questões que se apresentam na clínica cotidianamente entrelaçadas aos ecos das transformações sociais permeadas pela cultura e seus efeitos sobre as subjetividades. Ao interrogar-se sobre os saberes que investigam o feminino, o lugar social da mulher, a maternidade, a sexualidade, reprodução assistida, a introdução do conceito de gênero na pesquisa psicanalítica e suas consequências políticas, o grupo promove uma interlocução profícua dentro do Departamento e que vai além, estendendo-se para fora dele.

O título do livro sugere a abertura e a maleabilidade na abordagem do tema. Tomado no plural, “feminismos” já evoca a ideia de que os feminismos e os movimentos feministas são muitos e diversos, como testemunha a história de sua construção, sempre em transformação, conforme o contexto social, histórico e político em que é produzido e em consonância com as reivindicações de uma determinada época. O significante trânsito pressupõe movimento, percursos, idas e vindas, veredas, múltiplas direções.

O livro estruturado em sete capítulos convida o leitor à escuta das singularidades que compõem as narrativas recolhidas em rodas de conversa nas quais jovens e adultos de diferentes gerações juntamente com psicanalistas integrantes do grupo transitaram no campo dos feminismos. Nesse movimento, o grupo se propôs a pesquisar os discursos presentes no imaginário cultural contemporâneo e ampliar o campo de reflexões sobre o tema indicando lugares de rupturas e conflitos em busca de abertura para novas reflexões. Dentro desse espírito, é importante salientar que as autoras e o autor não tiveram a intenção de provar hipóteses ou chegar a conclusões generalizáveis sobre os feminismos, tampouco se propuseram a seguir uma metodologia uniforme na análise dos conteúdos das rodas tomando-as uma a uma a partir das inquietações surgidas. É justamente nesses movimentos que reside o mérito da pesquisa: acolher as vozes que falam das experiências vividas, sobretudo das mulheres, na interação com os discursos feministas. Essa profusão de narrativas e a riqueza do trabalho de elaboração dos conteúdos tornam a leitura muito interessante, ao mesmo tempo que dificultam o trabalho da resenha. Assim, não sendo possível contemplar o trabalho de cada autor, ao privilegiar determinados recortes em detrimento de outros, aceita-se o risco de, nesse processo, deixar de fora importantes contribuições.



Na introdução, Silvia Alonso já demarca que a luta das mulheres para assegurarem uma posição de sujeito no mundo vem de longa data, e sublinha os pontos de inflexão sobre os lugares sociais que elas ocuparam no decorrer da história. A autora retoma o conceito de sexualidade em psicanálise e aponta que a introdução do conceito de gênero no campo psicanalítico produziu interrogações e impôs novos desafios à teoria, a partir dos quais se iniciaram importantes pesquisas sobre questões de desigualdades que levaram ao estudo das feminilidades. A ideia de essencialismo foi questionada e demonstrou que feminilidades e masculinidades são construções históricas que determinam lugares sociais ocupados por homens e mulheres e, portanto, sempre em movimento.

O primeiro capítulo, “Subjetividades em Trânsito” foi escrito a partir da experiência iniciada em duas rodas de conversa com adolescentes de escolas públicas e privadas, que acompanharam movimentos de ocupações das escolas – ou deles participaram - nos anos de 2015 e 2016. As autoras partiram de reflexões sobre a partícula “trans” e escutaram os jovens em seus trânsitos: “seja em relação à diversidade sexual e de gênero, seja em relação à posição subjetiva e sociopolítica” (p.29). Essa proposta se desdobrou posteriormente na pesquisa desenvolvida sobre os feminismos e ensejou o desejo do grupo de desenvolver um pensamento próprio a partir de uma leitura psicanalítica dos movimentos feministas em transformação. A pesquisa percorreu o tema dos feminismos trilhando os caminhos de sua própria construção, suas contradições, seus avanços e retrocessos, que respondem a movimentos e lutas históricas e plurais cujas conquistas são transmitidas geracionalmente e ampliadas no encontro com questões atuais. Os feminismos interrogam e questionam os fundamentos da teoria psicanalítica como lugares de reprodução de ideologias, convidando os analistas a uma importante revisão. Por sua vez, os psicanalistas oferecem seu principal instrumento de trabalho contra o fechamento dogmático - a escuta -, que possibilita reabrir discursos e sustentar a tensão necessária para trabalhar conflitos. Atentos ao acirramento de discussões contemporâneas pautadas nas lutas identitárias, os psicanalistas propuseram ouvir os discursos que por vezes tomam formas questionáveis e impossibilitam o diálogo ao desconsiderar a alteridade.

Nessa perspectiva, criaram um dispositivo de escuta coletiva em forma de rodas de conversa sem objetivo de intervenção clínica. Formaram-se quatro rodas, sendo cada uma coordenada por uma dupla de psicanalistas do grupo e compostas por um número diferente de participantes, de diferentes faixas etárias, gêneros, etnias e classes sociais.

O trabalho dessas rodas consistia na apresentação de uma seleção de fotos que retratavam acontecimentos sociais variados da atualidade, principalmente de mulheres em diferentes situações e atividades, como disparadores da discussão. A consignia foi que os participantes falassem sobre suas experiências de vida relacionadas ao feminismo a partir do que as imagens escolhidas suscitaram neles, aproximando-se, desse modo, do método de associação livre, tão caro à escuta psicanalítica. O leitor encontrará um exemplo dessa dinâmica de trabalho no capítulo 5: “Descoladas de si – Entre

o empoderamento e o submetimento”, no qual uma das participantes, que é policial militar, escolheu a foto de uma mulher que, numa manifestação, usou o escudo de um policial militar como espelho para passar batom e sobre a qual comentou:

Eu passo meu batom mesmo, para manter aquela feminilidade que acho que precisa; indiferente da profissão, eu sou mulher, né? E não vou perder isso nunca, mesmo tendo que ser um pouco mais incisiva na hora que tem que ser. Eu mantendo a minha postura de mulher (p.78).

A análise do material colhido no trabalho das rodas resultou na produção de cinco textos escritos em parceria pelos dois psicanalistas que coordenaram as rodas e um terceiro que participou das discussões como interlocutor. O trabalho de elaboração desse material suscitou debates respaldados pela leitura de vários autores que se debruçam sobre essa temática.

As diversas narrativas que emergiram de vozes singulares nas diferentes rodas compuseram o trânsito dos feminismos pelos mais variados caminhos. Inicialmente pelo trânsito da transmissão entre gerações: as diferenças entre as rodas apontam as passagens que provocam transformações, caminhos de transmissão e abertura de uma geração à outra. Diferentes perspectivas sobre a transmissão geracional relativa aos movimentos feministas transitaram nas rodas de conversa das quais participaram mulheres com idades acima de 60 anos, mulheres com idades entre 20 e 30 anos e mulheres com idades entre 30 e 50 anos. As primeiras, fazem parte da geração que viveu os feminismos entre os anos 1960 e 1970 e participaram da história em que o movimento feminista se mesclava ao discurso político de resistência e luta contra a ditadura. Essas mulheres que participaram das lutas pela igualdade de direitos que marcaram avanços nos aspectos sexuais e amorosos, curiosamente, não se consideram feministas. Entretanto, reconhecem essa posição feminista nas atitudes de suas filhas e

netas, das quais se orgulham pela coragem ao mesmo tempo que temem pelas consequências desse posicionamento. Uma dessas mulheres comenta sobre a filha militante: “ela sofre retaliação porque assumiu uma posição feminista. Acha que dificulta os rapazes de se aproximarem, porque confundem com essa coisa chamada de sexism. Ser feminista não quer dizer não gostar de homem” (p.108). As mulheres mais jovens construíram narrativas que confluíram para o reconhecimento e a valorização da força feminina, encarnada nas histórias de suas mães. Tais narrativas invocam a luta contra as violências que coloca as mulheres em condições de desigualdade e inferioridade e fazem interrogar o lugar dos homens na atualidade. Ao revisitarem as trajetórias maternas, evidencia-se na fala dessas mulheres uma mudança de discursos entre gerações, presentificada em diferentes modos de pensar e desejar. Elas reconhecem nas atitudes de suas mães uma posição feminista transmitida como legado e, apesar das mães não se nomearem como feministas, investiram fortemente no desejo de emancipação das filhas. As filhas, ressignificaram as lutas de suas mães por melhores condições de vida, identificando-se com esse lugar de potência ao qual atribuem um

sentido político e coletivo. Na roda de conversa composta pelas mulheres com idades entre 30 e 50 anos, transpareceram conflitos geracionais diante das mudanças no campo da sexualidade. Essas mulheres comentaram com horror diversas situações nas quais consideram que as mulheres mais jovens estão submetidas à violência dos homens. Identificadas a um discurso machista, falam com desaprovação das atitudes das jovens em relação às liberdades sexuais conquistadas e demonstram ambivalência em relação ao lugar de empoderamento que desejam para as mulheres e os temores no enfrentamento dessas mudanças expressos, por exemplo, neste comentário:

Acho uma época muito difícil essa geração delas. São “superfeministas”, “minha roupa é meu corpo”. “O direito das mulheres” e blablablá... Esses bailes funk tratam a mulher como lixo. Isso é muito contraditório, não consigo entender... (p.81).

Outro caminho construído pelos participantes no decorrer das rodas diz respeito às diferenças entre os feminismos: o movimento feminista nasceu das lutas pela liberdade e igualdade de direitos, bem como contra a opressão de uma organização patriarcal. Desde então, vem enfrentando desafios ao longo da história e sofrendo várias transformações, dando lugar a uma série de correntes feministas organizadas por diferentes pautas e reivindicações. A experiência dos feminismos hoje, diferentemente das vividas pelas gerações anteriores, passa pela mobilização de mulheres no espaço público e pelas denúncias da violência e do abuso. O corpo se apresenta como lugar de protesto político nas lutas feministas, que por sua vez foram se ampliando e tornando-se mais abrangentes, no decorrer da história. Houve um deslocamento da suposição de que as mulheres são uma categoria universal e homogênea para a constatação da diversidade de experiências determinadas por seu lugar de inserção no laço social.

Nesse sentido, torna-se importante sublinhar que as experiências com os feminismos, vividas cotidianamente e relatadas pelas pessoas que participaram das diferentes rodas, são determinadas pelo lugar que ocupam dentro do contexto social, econômico e racial. Os participantes ressaltaram as diferenças entre as lutas feministas das mulheres brancas, que reivindicavam inicialmente igualdade de direito ao estudo, ao trabalho e à circulação, e os movimentos feministas vividos pelas mulheres negras, ainda em busca do direito a uma existência digna e contra o preconceito racial. Tomadas em conjunto como mulheres, todas estão sujeitas e podem sofrer violências socialmente e culturalmente naturalizadas. No entanto, os efeitos disso atingem as mulheres brancas, negras, indígenas, trans e mulheres de diferentes classes sociais de maneira diversa. Os relatos apontam principalmente para uma diferença relativa à desigualdade social que atinge mais as mulheres negras, prejudicadas por uma dupla exclusão: por serem mulheres e por serem negras. Essa situação pode ser abordada a partir da teoria do feminismo interseccional que aponta para a junção de dois ou mais fatores sobrepostos - gênero, etnia e classe social – numa intersecção que cria de-

safios adicionais e dificulta o acesso das pessoas aos seus direitos. O conceito de interseccionalidade<sup>1</sup> nos ajuda a compreender a manutenção das desigualdades sociais ao mostrar a coexistência e a subordinação desses fatores e como se interseccionam gerando efeitos singulares de opressão, dominação e discriminação.

Finalmente, os caminhos pelos quais os jovens transitaram nesse trabalho: a roda de conversa composta por jovens dos sexos masculino e feminino, com idades entre 15 e 20 anos, de diferentes etnias e estratos socioeconômicos, diferentemente das outras, foi coordenada por um psicanalista e uma psicanalista com o intuito de propiciar uma escuta mais plural. Essa experiência demonstrou a forma pela qual os jovens estão apropriados das questões relativas aos feminismos, com as quais se identificam, e como transitam pelos discursos sobre sexualidade e diferença de gênero. Um interessante exemplo disso foi expresso por um dos participantes que, diante da foto de um rapaz transgênero, considerada por ele a que melhor representa o seu pensamento, comentou: "o mais interessante nessa conversa do feminismo são os diferentes, também nas expressões da sexualidade" (p.43). A partir disso considerou casos que poderiam ser mais comuns: "de homens que viraram mulher do que os de mulheres que viraram homens" (p.44), supondo que pudesse ser o efeito de os homens serem mais autorizados socialmente a assumirem seu desejo do que as mulheres. Eles problematizaram as construções imaginárias que sustentam mitos a respeito do que é ser homem e ser mulher e como esses mitos produzem violência de gênero. Ao aceitarem o desafio de participarem desse encontro com outros, exercitaram entre eles o confronto nas diferenças de posição frente a temas delicados, e produziram narrativas sobre os desafios impostos pela complexidade dos relacionamentos amorosos e性uais. No que concerne à diferença de gêneros, indagaram-se sobre a diversidade de caminhos da expressão da sexualidade e levantaram questões sobre transexualidade, transgênero e transfeminismo. Falaram da importância dos movimentos feministas sem se furtar a criticar seus extremos que podem levar a movimentos de exclusão. Destacaram uma dimensão de violência sempre presente na relação entre homens e mulheres e afirmaram a importância do consentimento nas relações sexuais ao apontarem que a "cultura do estupro" reproduz socialmente lugares de dominação para os homens e de submissão para as mulheres.

Além do trabalho de escuta nas rodas o grupo estendeu a pesquisa para o campo das comunicações descrita no capítulo 7 e intitulado: "Feminismos e as mídias- Entre o singular e o coletivo". Este aponta para a ampliação da escuta dos discursos que circulam nas mídias, nas redes, nas mídias tradicionais, nas propagandas, nos movimentos culturais das periferias e em todos os veículos de amplificação e difusão de discursos sobre as relações amorosas,性uais, posições de gênero e lugares das mulheres e suas reivindicações. Mídias essas que se configuram como lugares de potência criativa e que também podem favorecer a circulação de discursos autoritários e fanatismos. As redes sociais têm um impacto sobre os movimentos coletivos

1 Conceito criado por Kimberlé Williams Crenshaw, estudiosa da teoria crítica da raça, professora da Faculdade de Direito da UCLA e fundadora do Centro de Interseccionalidade e Estudos de Política Social da Columbia Law School (CISPS).

e emergem como novo espaço público de debate que transforma o modo de acesso à informação e modifica a forma de produção de conteúdo. É um espaço que favorece a autonomia e a ação direta entre pares. Nesse sentido, esse espaço das redes sociais torna coletivas narrativas pessoais que acabam por alcançar um maior número de pessoas. O espaço de fala propiciado pelas redes sociais em movimentos como *#Primeiro Assédio*, *#Me too* e *#Agora é que são elas* se constituiu como espaço de troca coletivo de denúncias, um lugar para reclamar direitos, e pode ser considerado como uma antena que reverbera reivindicações relativas a lutas identitárias. Como ondas vindas do imaginário social e cultural, captam as mudanças na cultura e também seus conflitos.

A prioridade desse trabalho repousou na experiência de escuta sobretudo de mulheres de variadas idades, que puderam trocar narrativas sobre suas vidas, seus sofrimentos e conquistas e falar de sua relação com os discursos feministas.

As rodas de conversa se constituíram em verdadeiros espaços de escuta de histórias singulares e partilha de experiências que permitiram novas descobertas, facilitando o trânsito de ideias e de trocas e assim fazendo a palavra circular e alcançar sua potência transformadora na construção de novos saberes. Essa experiência foi marcante tanto para os participantes quanto para os psicanalistas que coordenaram as rodas.

À guisa de conclusão: a dominação histórica dos homens sobre as mulheres continua a se reproduzir, apesar do vigor das lutas feministas. Essas lutas se apresentam como resistência e produzem debates que abrem outras perspectivas potencialmente transformadoras das dinâmicas próprias do sistema patriarcal. Entretanto, todos os que estão fora do discurso heteronormativo são convocados a defender diariamente seu direito à existência vivenciando na pele e no corpo essas lutas. Essas pessoas que lideram uma tentativa de transformação, sem a qual estariam fadadas a violências de toda ordem, são sujeitos que sustentam novos espaços de circulação numa sociedade cujos valores vigentes não oferecem garantias.

O machismo estrutural capilarizado nos discursos tanto de homens quanto de mulheres reproduz o poder de dominação nas relações entre ambos, nas quais a mulher ainda é colocada num lugar inferiorizado e sem valor. Transformar tais discursos naturalizados em interrogações pode gerar transformações de atitudes e novas construções de lugares sociais que romperiam o circuito de dominação. O mesmo acontece com o racismo estrutural: para mudar a situação de desigualdade que impossibilita aos negros os mesmos acessos que favorecem os brancos, as ações transformadoras exigem um posicionamento ativamente antirracista por parte de cada um. São sempre essas vozes dissonantes do discurso social hegemônico e heteronormativo que fazem ressoar uma vez mais a voz de Caetano Veloso nos versos da canção “Podres Poderes”: “Enquanto os homens exercem seus poderes índios e padres negros e mulheres e adolescentes fazem o carnaval...” e abrem alas para o desfile das diversidades.